Biodiesel se espalha pelo interior do País

Estudo mostra que o novo combustível pode reduzir em até 78% as emissões de gás carbônico

De origem africana, a mamona é de fácil cultivo, resistente a doenças e à seca. O biodiesel da mamona tem validade de três anos, acima do biodiesel da soja, com durabilidade de 15 dias. Além de ser biocombustível, o óleo da mamona também é utilizado em lubrificações de naves espaciais, como componente em produtos de limpeza, como vermífugo, na indústria cosmética e na medicina, como importante elemento para a formação de próteses ósseas.

A produção de mamona no País deverá crescer acima de 40% na safra 2004/05. Levantamento da Conab aponta um aumento de 39,4% em volume, para 147,9 mil toneladas, e de 14,9% em área, para 189,4 mil hectares. Mato Grosso, Goiás e Rio Grande do Norte ficaram fora da pesquisa.

A produção se concentra na Bahia (129 mil toneladas), Ceará (8,8 mil), Piauí (4,8 mil) e Minas (3,5 mil). É preciso estimular as indústrias a adotarem a mamona, já que seu custo é mais alto que o de girassol, de soja e de palma, mas esta é a cultura que mais gera empregos. Sem conseguir escoar a safra, há produtores que realizam vendas abaixo do preço mínimo (R$30,30 a saca de 60 quilos).

Estudo encomendado pelo Núcleo de Assuntos Estratégicos (NAE), da Secretaria de Comunicação e Gestão Estratégica da Presidência da República, estima serem necessários pelo menos US$260 milhões em subsídios por ano para viabilizar a produção no País.

O presidente Lula inaugurou, na cidade de Cássia (MG), a primeira fábrica de biodiesel da Soy Minas, do grupo Biobrás. A unidade produzirá 40 mil litros por dia de biodiesel à base de girassol, soja, nabo forrageiro e canola. A empresa fornecerá o produto à Ale Combustíveis e à BR Distribuidora. O grupo tem fábricas em Rolândia (PR), Campinas (SP) e quer construir unidades em Iguatama (MG) e Barbacena (MG).

Estudo do National Biodiesel Board, dos Estados Unidos, divulgado no documento Biodiesel e Inclusão Social, da Câmara dos Deputados, revela que o Brasil tem condições de liderar a produção mundial de biodiesel, com a substituição de, pelo menos, 60% do óleo diesel consumido no mundo. O biodiesel pode reduzir em até 78% as emissões líquidas de gás carbônico e em 90% as emissões de fumaça, e praticamente elimina as emissões de óxido de enxofre.

Maranhão

A produção será de 60 mil litros de óleo diesel por dia, extraído de mamonas, em refinaria a ser instalada em São Luís, até dezembro, conforme documento assinado entre o governo do estado e a empresa Brasil Ecodiesel. O investimento inicial é de R$80 milhões. A extração do óleo começará no segundo semestre e poderá chegar a 90 mil litros diários, para atender ao mercado externo. O projeto beneficiará 2.500 famílias na primeira fase, e até 2008 envolverá cerca de 12 mil famílias. Serão criados pelo menos 300 empregos diretos mil indiretos.



Mato Grosso

A partir do segundo semestre, a Ecomat (Ecológica Mato Grosso Industrial e Comércio), empresa que participa do Programa Nacional de Produção e uso do biocombustível, será autorizada pela BR – distribuidora Petrobrás – a comercializar o biodiesel.

A fábrica, com capacidade para industrializar oito milhões de litros por ano, está preparada para a produção em escala, e o governo federal aportou R$400 mil. Participam das operações do programa a UFMT (Universidade Federal de Mato Grosso), Unemat (Universidade do Estado de Mato Grosso), Ecomat, Fapemat (Fundação de Amparo à Pesquisa) e TecPar (Instituto de Tecnologia).

A UFMT se encarregou da análise físico-química e da caracterização do biodiesel produzido no Estado, por meio de especificação da ANP. A universidade recebeu cerca de R$80 mil para adquirir equipamentos e estruturar um laboratório de pesquisa. Para fazer análise de emissão de gases do biodiesel, a fim de avaliar a diferença entre o uso do diesel comum e do acrescido com o aditivo natural, a Unemat obteve R$90 mil.

A Unemat também terá de estabelecer um programa de monitoramento da qualidade dos biocombustíveis (biodiesel e misturas com óleo diesel) e quantificar os ganhos ambientais pela mensuração das emissões de poluentes das misturas e suas externalidades. Enfim, apoiar a logística e infra-estrutura de laboratório para testes de desenvolvimento da produção industrial do combustível renovável, por meio de trabalhos específicos visando à otimização de processo, produtos, sistema de estocagem e fornecimentos.

Amapá

O Programa Amapaense de Biodiesel surgiu a partir do projeto de pesquisa e prospecção do Governo do Estado, em parceria com a Embrapa Amapá, para construir, em um ano, uma base tecnológica para a produção e o uso do biodiesel, a partir do beneficiamento de plantas nativas, gerando empregos e renda, e preservando o meio ambiente. Técnicos do Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá – IEPA e da Embrapa mapeiam os municípios produtores de andiroba, pracaxi, buriti, piquiá e inajá.

O passo seguinte será a pesquisa e avaliação da viabilidade do uso de matérias-primas para obtenção de biodiesel. O projeto prevê também a capacitação técnico-científica nas instituições de pesquisas do Estado e a modernização e o credenciamento de laboratórios de análises da qualidade dos produtos extraídos.

Com um orçamento de R$400 mil, bancado pela FINEP – Financiadora de Estudos e Projetos, braço do Ministério da Ciência e Tecnologia e pelo Governo do Estado, a coordenação geral é da Secretaria Estadual da Ciência e Tecnologia. Participam também das ações as secretarias estaduais da Agricultura e do Meio Ambiente, o Instituto de desenvolvimento Rural do Amapá – Rurap, o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural – SENAR e a Universidade Federal do Pará.

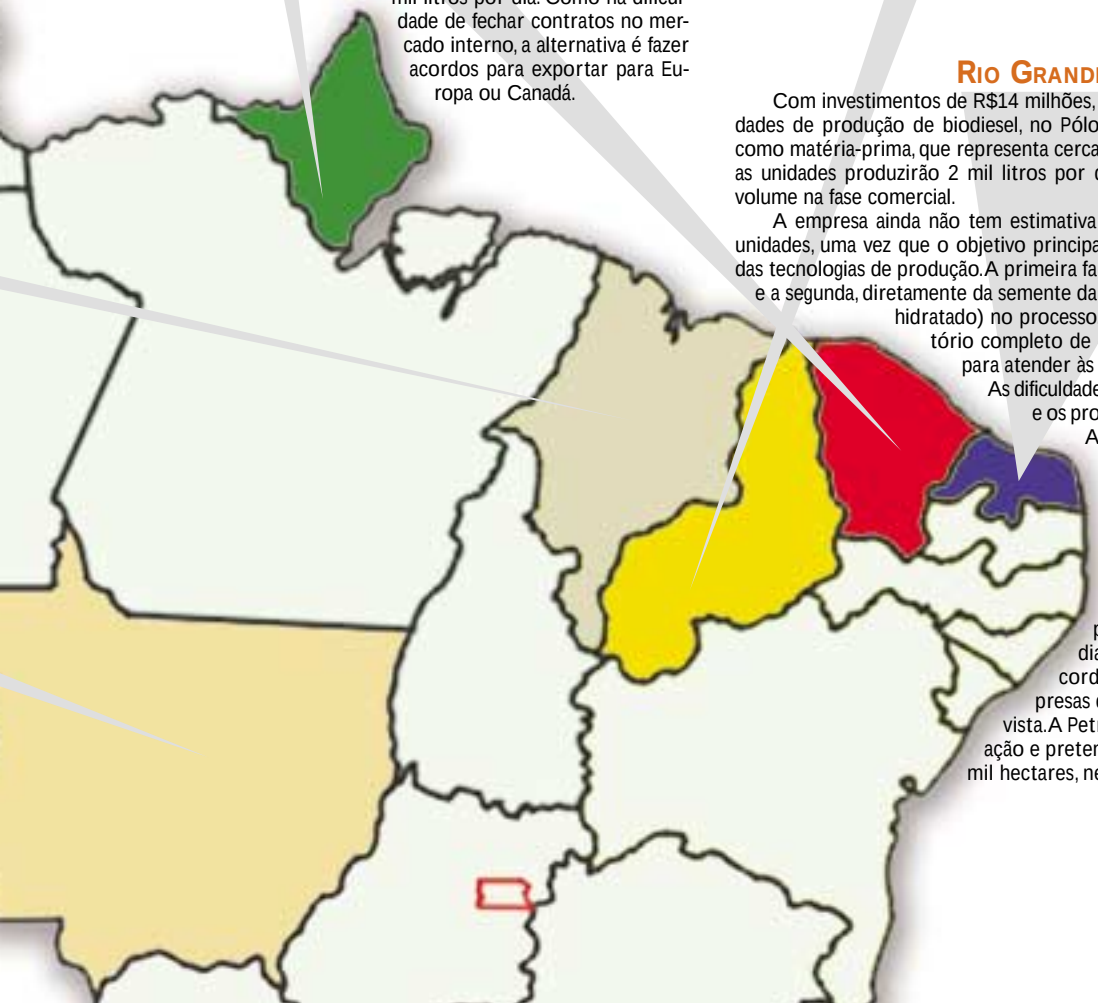
Para fundamentar a proposta de criação do programa, os pesquisadores têm um forte argumento: mais de 80 % da população do Amapá está concentrada nas áreas urbanas da capital, Macapá; e no município de Santana.

Com 98% da floresta amazônica preservada, o Estado oferece as condições ideais para a implantação de pólos de produção de óleos vegetais. O Amapá possui 16 municípios e pouco mais de 500 mil habitantes, segundo o IBGE.

A Companhia de Eletricidade do Amapá consome por ano 20 milhões de litros de diesel. A redução será de 400 mil litros. O resultado das ações será o desenvolvimento e adaptação de tecnologias, mudando o perfil sócio-econômico do agricultor familiar.

Ceará

A falta de chuvas afeta também o Ceará. A Petrobrás fez acordo com agricultores para comprar a safra de 2 mil hectares. A empresa tem uma planta em Crateús para produzir 5 mil litros por dia. Como há dificuldade de fechar contratos no mercado interno, a alternativa é fazer acordos para exportar para Europa ou Canadá.



Tratores Valtra vão utilizar biodiesel na Agrishow

Na Agrishow, feira que acontecerá de 16 a 21 de maio próximos, em Ribeirão Preto (SP), a Valtra vai mostrar sua linha de produtos abastecida com 5% de biodiesel (B05), tanto em dinâmicas de campo, como em demonstrações no estande.

Embora equipadas com motores convencionais, estas máquinas podem utilizar diversos tipos de biodiesel, dispensando qualquer tipo de modificação específica. Nos testes efetuados, segundo dados da Valtra, se observou que em até 50% de mistura diesel-biodiesel (B50), o consumo do motor se manteve inalterado, sem perda de performance.

A pesquisa e o desenvolvimento do motor a biodiesel foram iniciados há três anos em uma parceria com a Unesp, a Coopercitrus, a Fapesp, a USP e a Ladetel (Laboratório de Tecnologias Limpas).

Piauí

Com longa tradição na produção de mamona, o Estado já foi um dos maiores produtores do Nordeste. Os investimentos programados para os próximos três anos somam R$79 milhões, com o envolvimento de 42 municípios do semi-árido piauiense.

Um projeto-piloto é executado desde janeiro de 2004, em 14 municípios da microrregião de São Raimundo Nonato, a 517 Km de Teresina. Foram viabilizados: casa, escola, posto de saúde, energia elétrica e 18 hectares de terras para cada família de agricultor. Mais de 200 famílias foram assentadas, plantam mamona, feijão e recebem salário mensal de R$260,00.

Os agricultores assistidos pelo projeto recebem orientações técnicas e práticas, que vão desde o conceito da planta, o espaçamento no plantio das sementes até a comercialização do produto. A idéia é comprovar que o plantio de mamona é um negócio que rende bons resultados num futuro próximo e, por isso, necessita de planejamento e cuidado por parte dos agricultores.

O plantio é feito em consórcio com o feijão caupi. As duas culturas apresentam uma convivência harmônica. Até o fim da colheita, no mês de agosto, os agricultores produzirão 1,5 mil quilos de mamona por hectare e 1,2 mil quilos de feijão na mesma área. A comercialização da safra da mamona já está previamente garantida por meio da Brasil Ecodiesel, que vai comprar a R$0,50 o quilo da mamona produzida na região.

A colheita começa em abril e prossegue até agosto, com uma renda mensal de R$400 para cada agricultor. Após o início da colheita, o projeto será ampliado para o restante dos 28 municípios, em até três anos. Um dos objetivos do projeto, além da produção do biodiesel, é transformar o Estado num banco de sementes de mamona, com fornecimento de material para os estados vizinhos.

Rio Grande do Norte

Com investimentos de R$14 milhões, a Petrobrás inaugurará duas primeiras unidades de produção de biodiesel, no Pólo de Iguamaré, com utilização da mamona como matéria-prima, que representa cerca de 85% do preço final do biodiesel. Juntas, as unidades produzirão 2 mil litros por dia, com a possibilidade de até triplicar o volume na fase comercial.

A empresa ainda não tem estimativa nem meta de quanto produzirá nas duas unidades, uma vez que o objetivo principal é o desenvolvimento e aperfeiçoamento das tecnologias de produção. A primeira fará o biodiesel a partir do óleo de mamona, e a segunda, diretamente da semente da oleaginosa. Ambas utilizarão etanol (álcool hidratado) no processo. A Petrobrás também montará um laboratório completo de controle de qualidade para o combustível, para atender às especificações da (ANP).

As dificuldades para comercializar a produção de mamona e os problemas climáticos trazem desafios, este ano. A estimativa era de plantar 20 mil hectares, perante os 10 mil do ano passado.

No Rio Grande do Norte, a Cooperativa de Energia e Desenvolvimento Rural do Seridó (Cersel) tinha planos para ampliar a área de mamona de 2,3 mil para 3 mil hectares. A cooperativa deveria ter entregado 1,5 mil toneladas a R$1 o quilo para a Petrobrás, com pagamento em 30 dias após o recebimento. Os produtores discordaram do prazo e venderam a safra a empresas da Bahia, a preços abaixo de R$0,80, mas à vista. A Petrobrás estuda um novo modelo de negociação e pretende fornecer sementes para o plantio de 4 mil hectares, neste ano.